

---

**EDUCAÇÃO PELA INDISCIPLINA: CONCEPÇÕES E EXPERIMENTOS  
ANARQUISTAS REGISTRADOS NA IMPRENSA OPERÁRIA NO BRASIL EM  
INÍCIOS DO SÉC. XX**

Rogério Humberto Zeferino Nascimento  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG  
e mail: <rogeriohznascimento@yahoo.com.br>

**Introdução**

São quatro os maiores pavores de pedagogos, psicólogos, sociólogos, técnicos e demais especialistas envolvidos com escola e educação: evasão, repetência, violência e *indisciplina*. Irrompem sentimentos de repugnância ao se depararem com situações definidas numa destas condições. Vêm nestas palavras a encarnação das piores moléstias e dos maiores obstáculos à realização satisfatória do ‘ensino-aprendizagem’. Despendem energias procurando extirpar este quarteto do mal. Para cada um deles destinam receituários e sanativos. Às vezes se desentendem sobre a maior ou menor eficácia na terapêutica de circunstâncias particulares. Mas convergem na interpretação atribuindo sentido de patologia a estas situações.

Longe está de seu campo de reflexões atribuírem alguma positividade a um destes quatro pavores. Muito menos a todos eles. Em suas perspectivas, à escola está destinado papel natural. Tangenciam questões importantes como ‘o que é escola?’, ‘o que é educação?’, ‘para quê educação?’, ‘como é possível a educação?’. Perguntas básicas da filosofia e da sociologia da educação. Se há evasão escolar, não questionam possuir ela algum significado para além de uma pretensa inadequação ou inadaptação do estudante à escola. Agem do mesmo modo com relação à repetência e à violência. Estão cegos para enxergar outros sentidos que não à necessidade do educando procurar ajustar-se e acomodar-se às normas e disposições compulsórias do ambiente escolar.

Questão oportuna: existem positivities na evasão, repetência, violência e *indisciplina*? Responder pressupõe rejeitar ‘escola’ como natural. Outra questão: numa lógica e dinamismo binário que lugar está reservado a refratários, a não ser negatividade? O binarismo caracteriza não só a escola, mas todo arcabouço cultural das sociedades modernas: ‘Bem/mal’, ‘esquerda/direita’, ‘normal/patológico’, ‘norma/desvio’, entre outros, orientam pensamentos e comportamentos. Daí por que malignidade ao referido quarteto. A escola

ocupa o pólo positivo. Como consequência tudo que lhe for antagônico é considerado negatividade.

Impermeável à perspectiva binária, o estudante pode procurar meios para fugir desta penitenciária chamada escola.

Banir os dogmas é um dever que se impõe. A escola não é um templo religioso nem um centro político. (...). Logo, para que as novas gerações sejam educadas integral, racional e cientificamente; para que a humanidade de amanhã seja formada de organismos robustos, cérebros ilustrados, corações afetuosos e caráter digno, só uma instituição se torna preciso erguer: a *Escola Moderna*. Os outros estabelecimentos de ensino, os colégios, os liceus, etc., não passam de prisões que é necessário demolir<sup>1</sup>.

A evasão e a violência podem ser as formas encontradas por ele para se desvencilhar dos processos obrigatórios e punitivos. O ‘aluno’ pode intuir do ambiente escolar a existência de uma prisão da qual seja necessário evadir-se. A repetência pode indicar um descompasso absolutamente insuperável entre vida e escola. O estudante pode não estabelecer conexões entre o conhecimento escolar e sua vida, resultando para ele na ausência de sentido toda a labuta escolar. As promessas de premiação e recompensa, via titulação, diplomas e signos distintivos, podem não seduzi-lo. Sem ver sentido na vida escolar lhe restaria o campo de resistências e recusas.

Até aqui levantei as possibilidades de uma abordagem positivada em torno da evasão, da repetência e da violência. Deixei a *indisciplina* um pouco de lado nesta introdução por ser sobre ela que me proponho refletir com mais vagar ao longo do artigo. Ainda mais porque tanto a violência como a evasão e a repetência podem, e por vezes o são, confundidas com *indisciplina*. A primeira destas é mais comumente confundida com atitudes indisciplinadas. Tanto assim que é possível encontrar mais estudos e pesquisas em que o foco privilegiado se projete sobre a *indisciplina*, ponto a partir do qual tanto a evasão como a repetência e, sobretudo, a violência escolar, são compreendidas.

Proponho-me refletir sobre estas questões a partir da análise das concepções e realizações de anarquistas no Brasil no início do século XX. A imprensa operária registra debates sobre a matéria. Nestes periódicos é possível vislumbrar as particularidades de suas concepções e originalidade de suas realizações. As escolas anarquistas destoam da escola nacional criada na década de 1930 por Vargas. Nunca é fastidioso evidenciar ser a escola oficial contemporânea herdeira desta escola-prisão.

---

Faço este registro para melhor deslindar o contraste entre escolas anarquistas e a escola atual no que diz respeito a objetivos, métodos, concepções: *indisciplinar* e ingovernável a primeira, hierárquica e domesticadora a segunda. Também faço este registro com a finalidade de evidenciar a instituição escolar enquanto resultado de escolhas de expressivos segmentos sociais. Escolhas estas que permanecem por conta do atual empenho individual potencializado em coletividades.

### **1 – Idéias e realizações**

A questão educacional está presente no multiverso anarquista desde suas primeiras formulações no séc. XIX. Os anarquistas clássicos dedicaram parte de suas reflexões a este assunto. A partir deles a Associação Internacional dos Trabalhadores (1864) criou comitê com a finalidade de formular propostas educacionais para os trabalhadores.

As primeiras experiências educacionais realizadas na Europa por Robin, Faure e Ferrer y Guardia, foram lastreadas nestas primeiras formulações, servindo de referenciais para o estabelecimento de escolas em diversos países. O assassinato de Ferrer pelo Estado espanhol (1909) provocou revolta no mundo, tendo o efeito de divulgar suas concepções educacionais.

Também no Brasil houve protestos, acompanhados da formação do Comitê Pró-Ensino Racionalista, contra o fuzilamento de Ferrer. Este comitê tinha o objetivo de preparar professores para as escolas referendadas em Ferrer. Data do final do séc. XIX e início do séc. XX as primeiras escolas anarquistas. A primeira experiência com universidade para trabalhadores aconteceu no Rio de Janeiro em 1904. As iniciativas educacionais dos anarquistas tomaram maior vigor nas primeiras décadas do séc. XX.

### **2 – Críticas e recusas à escola oficial sob domínio do Estado e da igreja**

Luz<sup>2</sup>, cuja dedicação à referida universidade também foi registrada na imprensa anarquista, escreveu ser a educação um direito dos trabalhadores. Criticou a educação oficial por preparar pessoas apenas para a procura de cargos públicos e vida militar. Consiste a educação oficial em ensino voltado para fins imediatos e utilitaristas. A educação oficial, ao alimentar o patriotismo, favorece a ambiência belicosa entre povos e nações. Seu programa único e nacional estabelece referenciais totalitários à vida social.

Pinho, um dos professores da Escola Moderna de São Paulo, elaborou crítica à educação estatal. Também apresentou referenciais básicos para educação e escola libertária. A escola sob domínio da igreja e do Estado, procede com inculcação e repetição. O resultado deste tipo de escola a história registra: processos inquisitoriais para hereges e guerras de conquista. A primeira guerra mundial é resultado desta escola. Por sua vez uma educação lastreada nos princípios elaborados por Ferrer caminha na contramão do ensino oficial: sem fórmulas nem dogmas, o estudante, através da observação e da experiência, chega ao conhecimento. Com relação à vida social, a educação libertária objetiva a superação deliberada do *status quo*.<sup>3</sup>

Penteado, professor da Escola Moderna de São Paulo, percebeu a primeira guerra mundial como o resultado da escola oficial. Xenofobia, racismo, sentimentos patrióticos e guerreiros são cultivados nas crianças<sup>4</sup>. Para Pinho a escola oficial prepara soldados guerreiros.

A escola atual, confessional ou governamental, é a sistematização da violência. Exemplifiquemos tão audaz afirmativa.  
A conflagração européia, essa tremenda guerra que tão desastrosas conseqüências acarretou ao desenvolvimento físico, moral e intelectual da humanidade, é um produto da escola primária.<sup>5</sup>

Lima criticou a educação estatal por consagrar costumes vigentes, se desdobrando em fator de conservação e manutenção da exploração capitalista e do domínio das elites. Das escolas sob orientação Estado saem pessoas inclinadas à obediência.<sup>6</sup> Vinhais evidenciou na escola oficial uma sucursal do Vaticano. Havia no contexto mundial embate entre duas forças: liberdade versus autoridade. Para um desdobramento desta batalha favorável à liberdade, o articulista conclamou “intelectuais de consciência livre” a contribuírem com iniciativas educacionais junto aos trabalhadores<sup>7</sup>.

Em artigo não assinado há crítica a iniciativa de algumas senhoras da elite paulista que se propuseram a tarefa de criação de escolas para os trabalhadores. Isto se deu no ano de 1933, ano seguinte à Guerra Constitucionalista. Para o autor do artigo, o objetivo destas senhoras era secundar a igreja e o Estado em seus interesses de domar os trabalhadores e não uma educação para o raciocínio livre e altivo<sup>8</sup>.

Soares, mais conhecido como Florentino de Carvalho publicou artigo sobre educação. Ele, que também ensinara na Escola Moderna de São Paulo, participou na fundação da Universidade Popular da Cultura Racional e Científica no ano de 1915 no bairro do Brás.

O ensino, sob os auspícios da Igreja ou do Estado, não tem competidor na destruição da natureza humana. O livro e o mestre, (sacerdote ou leigo), fazem mais estragos do que o canhão e os gases asfixiantes. Não se pode imaginar maior violência, executada com estudados métodos e maneiras de mansidão e piedade.<sup>9</sup>

Anos antes, sob pseudônimo G. de Mortillet, Soares indicou serem os métodos da educação oficial fundados na lógica premiação e punição.

Essa concepção de um ser em que a religiosidade era a característica, em que a religião era o princípio e o fim, que havia sido condenado a uma vida de expiação pelo trabalho, às misérias, aos tormentos, à submissão mais absoluta ao amo; essa concepção estranha e deprimente tinha necessariamente de fazer que se considerasse a privação, a aflição, a dor, o suplício e o tormento como os melhores meios de aperfeiçoamento.

Dessa forma a educação chegou a ser sinônimo de castigo, a disciplina foi o nome comum da direção moral e do instrumento de opressão que Tartufo manejava. A regra da gramática como as da conduta aprendiam-se a chicotadas. Um só método de ensino, a fêrula; um só método de correção, o rebenque. Eis aí o fundo e o subfundo da educação cristã.

Um pouco de catecismo, alguns exercícios religiosos e umas orações completavam o ensino.<sup>10</sup>

### **3 – Coletividades anarquistas**

Os periódicos anarquistas registram em suas páginas o caráter eminentemente coletivo de suas realizações. Havia um senso profundo, entre os trabalhadores envolvidos em diversas atividades, quanto a um necessário liame social lastreando suas variadas ações. Congressos operários, excursões de propaganda, bibliotecas, ateneus, grupos de teatro operário, tipografias, arquivos, sindicatos, jornais, revistas, escolas, entre outras atividades, recebiam generoso apoio dos trabalhadores associados em coletividades. O *Boletim da Escola Moderna* registra, numa breve nota sem assinatura publicada em seu segundo número, a ampla base de apoio para sua publicação.<sup>11</sup>

O jornal dos alunos da Escola Moderna de São Paulo, *O Início*, registra a importância da colaboração de indivíduos e associações na abertura e manutenção de outras escolas no estado de São Paulo.<sup>12</sup> *O Início* foi organizado pelos professores da Escola Moderna de São

Paulo. Seu objetivo mais premente era favorecer aos estudantes a ocasião para publicação dos diversos exercícios realizados na escola. Publicaram artigos descrevendo as atividades da escola e, num destes, registraram a realização de uma festa em benefício da escola. Este registro nos permite entrever, com uma descrição detalhada, a forma de apoio recebido.<sup>13</sup>

No início do século XX houve curta experiência com a criação da Universidade Popular. Iniciativa esta voltada para a educação dos trabalhadores, preteridos que eram do acesso ao conhecimento pelas elites dirigentes. Esta iniciativa, apesar de sua brevidade, marcou profundamente a história tanto do movimento operário como do anarquismo no Brasil. Constitui numa realização ousada quando não havia universidades no país. A revista *Kultur* registrou o amplo apoio recebido de intelectuais, artistas e trabalhadores.<sup>14</sup>

#### **4 – Educação anarquista**

Nas primeiras linhas deste escrito eu tinha aludido às questões básicas de uma filosofia da educação tangenciadas, quando não escamoteadas, pelos profissionais e especialistas do campo da educação e da escola oficial na contemporaneidade. Pois bem, a despeito de evitarem um enfrentamento direto destas questões, elas estão postas e respondidas, de forma implícita ou manifesta, nas atividades educacionais.

Mesmo sem remeter diretamente a estas questões, toda prática educacional incuba concepções de ser humano como também uma filosofia. No caso a educação oficial naturaliza a relação mando-obediência estabelecendo uma nova religião: a religião de Estado. Vejamos a análise de Florentino de Carvalho.

O Estado não educa o povo segundo o interesse do desenvolvimento natural de cada indivíduo, educa-o, ou melhor, modela-o segundo as necessidades da conservação do regime político ou religioso estabelecido.

Num estado religioso todos os súditos devem ir à missa; num estado monárquico todos os habitantes devem amar o monarca; e num estado democrático todos os cidadãos devem ser republicanos.

Em todas as nações, o ensino oficial esforça-se por inculcar nas crianças o sentimento do dever, que se traduz numa série interminável de obrigações muito discutíveis, de obediências deprimentes, que vão de encontro aos mais rudimentares princípios de liberdade, e exigem a abdicação de direitos inalienáveis.

Este ensino frisa perfeitamente a diferença hierárquica de nacionalidades, de castas e de classes; a existência de indivíduos superiores e inferiores, segundo as condições econômicas, políticas, sociais e religiosas de cada um.

Nos primeiros procura-se criar o sentimento, ou o instinto de dominação e de violência; nos segundos o sentimento de resignação e de acatamento.

Neste mesmo artigo, o autor recusa o neutralismo da educação.

Finalmente, há quem julga que a Escola Racionalista deve ser neutra. Se fosse possível o funcionamento de uma escola neutra, esta pouco poderia ensinar, porque os conhecimentos adquiridos destroem as velhas noções que predominam nas sociedades e na mente das multidões.

“Existe porventura uma moral que convenha ao mesmo tempo a Voltaire e a S. Ignácio?”

(...)

Não, a escola deve tender para a educação integral, não escondendo nenhuma das verdades demonstradas pela experiência; deve facilitar os meios para que os alunos possam adquirir os conhecimentos mais essenciais a fim de que eles próprios criem a sua educação.

Para formar uma verdadeira cultura é preciso criar ao redor da infância um ambiente de justiça, de independência e de estética que a liberte dos vícios e dos preconceitos que adquire quando está em contato com os elementos de degeneração da sociedade presente.<sup>15</sup>

Sobre este “ambiente de justiça, de independência e de estética”, o artigo a seguir descreve a amplitude de concepções educacionais dos professores das escolas anarquistas.

No dia 6 do corrente, o Sindicato dos Canteiros, comemorando o 9º aniversário da sua fundação promoveu alguns atos de propaganda, sendo o primeiro uma breve sessão literária realizada no local social pelos alunos da Escola Nova, da capital. Os recitativos constaram de: *Os chefes de Estado e os banqueiros*, recitados por Aurélia Mendes; *Primeiro de Maio*, por Acracia Ramos; *Ao bater das enxadas*, por Progresso Ardannuy; *Rebelião*, por Angelina Soares; As fronteiras, por Pilar Soares. Ao começar o ato, foi cantado o hino *Alegria da infância* e, ao terminar, *A nova marselhesa*.

Os alunos, com a sua graça, habilidade e sentimento impressos aos hinos e recitativos, impressionaram e comoveram o auditório, que os aplaudiu com entusiasmo.

Antes que os assistentes saíssem à Praça da Matriz, onde devia ter lugar um comício, o delegado Dr. Nacarato, que, de S. Paulo havia seguido para esta localidade, com 20 praças, de armas embaladas, para manter a ordem... varsoviana mandou comparecer à sua presença uma comissão do Sindicato para comunicar-lhe que não permitia que o comício se realizasse na praça. Ante a insistência dos camaradas conseguiu-se realizar o comício na referida praça, falando por essa ocasião os camaradas Antonio Nalepinski, Florentino de Carvalho, Alexandre Zanela e um outro, cujo nome não lembramos. Os camaradas abordaram com energia as questões relativas à miséria, à exploração patronal, à ação infame dos empreiteiros, que deixaram de realizar com pontualidade os pagamentos aos operários, especialmente a empresa Duarte Aranha & Comp. por cuja causa os trabalhadores que ali labutam acham-se em greve.

Por último, alguns oradores fizeram uma extensa propaganda das idéias de emancipação operária, das doutrinas libertárias, demonstrando que a organização e a luta operária só podem ter valor para a redenção total do proletariado quando for orientada pelos princípios revolucionários, de transformação econômica e social, mediante a destruição das diversas instituições burguesas, que constituem a escravidão econômica, social, intelectual e moral dos trabalhadores; que a finalidade da luta deve tender ao comunismo anárquico.

Quando um dos nossos camaradas atacava com veemência os patrões e os discípulos de Loyola, o Nacarato chamou-o à ordem intimando-o a moderar a linguagem. Neste país, liberal, democrático e republicano não se pode viver às claras, nem dizer verdades quando elas prejudicam os magnatas e parasitas sociais. Para isso existe a autoridade, para servir de capanga dos exploradores, cerceando a independência dos trabalhadores. Apesar das ameaças policiais, os atos realizados constituíram uma boa jornada de propaganda.<sup>16</sup>

Estas crianças tiveram experiência complexa. Este episódio transbordava com as fronteiras de uma educação conteudista como a dos estabelecimentos oficiais. Esta fora ocasião para embate da questão social. As crianças elaboraram avaliação pessoal da situação. Educação e ensino escolar foram diluídos com a intensidade dos dinamismos societários.

A saída das crianças com o objetivo de visitar ambientes fazia parte da prática educacional das escolas anarquistas, constituindo matéria prima para as aulas. Depois das excursões, os alunos faziam exercícios: descrição, redação de cartas, observação.

Arte e estética constituíam parte integrante. As crianças declamavam poesias, canto em coral de hinos revolucionários, dramatizações, comédias e diálogos quando de conferências e palestras dos trabalhadores. Os jornais anarquistas registram a ocorrência de eventos múltiplos em sua composição: conferência sobre questão social, teatro, recital de poesias, monólogos, coro com crianças e baile.

*O Início* fez também a divulgação destes eventos.<sup>17</sup> A notícia da inauguração de escolas anarquistas em São Paulo registra a ação decisiva de um grupo de trabalhadores associados em um comitê como também a participação efetiva de alunos e de professores.

### **Considerações finais**

O vocábulo disciplina possui dois sentidos: hierarquia nas relações intersubjetivas e área específica de conhecimento. O reclame contra a *indisciplina* do estudante evidencia transgressão à hierarquia feita quando ele desobedece ao professor, ao vigilante, ao faxineiro, ao supervisor, ao inspetor, ao diretor ou às normas. A escola oficial do início do séc. XX, também a contemporânea, é profundamente disciplinar e disciplinarizadora. Nela a hierarquia reina absoluta.

Por sua vez o saber é dividido em secções particulares e reduzido à cerebrações, favorecendo a atualização de binarismos: conhecimento e vida, escola e sociedade, saber e poder. Do tecnicismo resulta uma escola oficial conservadora, pois leva para sala de aula

---

apenas conteúdos, informações, dados. Esta escola naturaliza sociabilidades competitivas e assimétricas; instaura processos que desprezam e desestimulam a vivência da cooperação e associação. Nada de processos coletivos e igualitários na educação oficial. É o aluno sozinho contra o livro didático, contra o professor, contra o colega. O exame constitui ritual consagrando a lógica punitiva.

No Brasil contemporâneo a disciplinaridade começou a mostrar suas insuficiências. A uma análise contemplando a densa complexidade e amplitude do fenômeno humano, as abordagens disciplinadas e disciplinares não possuem suporte, pois oferecem perspectivas parciais. Estas análises são, em maior ou menor grau, substancialistas, essencialistas, unilaterais e deterministas. Por conta disto alguns propuseram *multidisciplinaridade*, *interdisciplinaridade* e *transdisciplinaridade*. Todas comendo rearranjos sem sair da órbita disciplinar. Protelam as mesmas dificuldades do campo estritamente disciplinar.

A *indisciplina* dos anarquistas significa abandono deliberado dos referenciais transcendentais para a vida, portanto, também na educação. Arruinar hierarquias, desconsiderar a gravidade das fronteiras estabelecidas entre povos e entre saberes, retirar da alteridade a matéria nutritiva de si, realizar o saber na intensidade do poder da *vontade*, fazer da vida um experimento arriscado atualizando liberações e libertarismos, abolir constantemente a pretenciosa tutoria e direção sobre as vidas constitui em dinamismos de *indisciplina* orientando reflexões e atuações dos anarquistas.

Nas escolas anarquistas cultivavam-se subjetividades fortes através da intensificação nas relações. Professor e aluno eram antes pessoas associadas. Não sucumbiam ao nome das atividades nem aos papéis. Neste sentido saber e poder, conhecimento e vida, escola e sociedade são expostos a processos de desoneração de fronteiras. O resultado foi a instauração de profundo dinamismo de apropriação da existência pelas crianças. Também o discernimento de sua singularidade e articulação dentro do intrincado balanceamento de forças nas *relações* sociais.

Em *indisciplina* explode a recusa de viver em reduções, aldeados e governados. Limites e fronteiras são alvos de transgressão e desconhecimento. No lugar da segurança e rotina do campo disciplinar, risco e surpresas dos guerreiros selvagens da *indisciplina*. Professores e alunos *indisciplinados*, simultaneamente recusando hierarquias e desonerando fronteiras, arrancaram suas vidas das mãos de ‘protetores’ – estes que são os ‘piores tiranos’

segundo expressão de Lima Barreto – instauraram largos graus de liberdade em suas relações e experimentaram, com fruição, as vertigens de uma existência arriscada, visceral, intempestiva e intensa.

<sup>1</sup> ANDRADE, Elmano. A instrução racional. Base da Liberdade Humana. **Boletim da Escola Moderna**. São Paulo – SP. Ano 01 – N.º 03 e 04. p. 03-04 – 13.10.1919.

<sup>2</sup> LUZ, Fábio. O direito à instrução. **A Rebelião**. São Paulo – SP. Ano 01 – N.º 01. p. 01. 01.04.1914.

<sup>3</sup> PINHO, Adelino de. A Escola. **Boletim da Escola Moderna**. São Paulo – SP. Ano 01 – N.º 01. p. 03. 13.10.1918.

<sup>4</sup> PENTEADO, João. A escola e sua influência social. O ensino oficial e o ensino racionalista. **A Vida**. Rio de Janeiro – RJ. Ano 01 – N.º 02. 31.12.1914.

<sup>5</sup> PINHO, Adelino de. A Escola, prelúdio da caserna. **A Vida**. Rio de Janeiro – RJ. Ano 01 – N.º 05. 31.03.1915.

<sup>6</sup> LIMA, Éfren. A instrução e o Estado. **A Vida**. Rio de Janeiro – RJ. Ano 01 – N.º 03. 31.01.1915.

<sup>7</sup> VINHAIS, Antonio Manuel. Professores ou agentes do Vaticano? **A Plebe**. São Paulo – SP. Nova Fase. Ano 01 – N.º 52. p. 04. 30.12.1933.

<sup>8</sup> ESCOLAS operárias ou arapucas burguesas? **A Plebe**. Nova Fase. São Paulo – SP. Ano 01 – N.º 37. p. 03. 12.08.1933.

<sup>9</sup> CARVALHO, Florentino de. Em torno da educação. **O Confessado**. Bagé – RGS. p. 01 e 02. 10.10.1926.

<sup>10</sup> MORTILLET, G. de. O que deve ser a educação. **Edição especial do “Germinal!” e da “Barricata”**. São Paulo – SP. Ano 01. p. 03 – 01.05.1913.

<sup>11</sup> A NOSSA obra. **Boletim da Escola Moderna**. São Paulo – SP. Ano 01 – N.º 02 – p. 02 – 18.03.1919.

<sup>12</sup> ENSINO racionalista em S. Paulo. **O Início**. São Paulo – SP. Ano 01 – N.º 02. p. 04. 04.09.1915.

<sup>13</sup> ESCOLA Moderna N. 1. A nossa festa. **O Início**. São Paulo – SP. Ano 01 – N.º 02. p. 01 e 02. 04.09.1915.

<sup>14</sup> A UNIVERSIDADE Popular de Ensino Livre. **Kultur**. Rio de Janeiro – RJ. Ano 01 – N.º 01 – p. 05. Março – 1904.

<sup>15</sup> CARVALHO, Florentino de. Necessidade do ensino racionalista. **A Voz do Trabalhador**. Rio de Janeiro – RJ. Ano 02 – N.º 46. 01.01.1914.

<sup>16</sup> UM revoltado. Propaganda operária em Ribeirão Pires. **Guerra Sociale**. São Paulo – SP. Ano 02 – N.º 20. p. 03 – 17.06.1916.

<sup>17</sup> ESCOLA Moderna N 1. A nossa festa. **O Início**. São Paulo – SP. Ano 01 – N.º 02. p. 01 e 02 – 04.09.1915.

## REFERÊNCIAS

A LANTERNA. São Paulo – SP. (1901-1935).

A PLEBE. São Paulo – SP. (1917-1950).

A REBELIÃO. São Paulo – SP. (1914).

A VIDA. Rio de Janeiro – RJ. (1914-1915). São Paulo: Ícone, 1988. (Edição fac-similar).

A VOZ do trabalhador. Rio de Janeiro – RJ. (1908-1915).

BAKUNIN, Mikhail e outros. **Educação libertária**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BOLETIM da Escola Moderna. (1918-1919). São Paulo: Centro de Memória Sindical e Arquivo do Estado de São Paulo, 1988. (Edição fac-similar).

---

CORRÊA, Guilherme C. **Educação, comunicação, anarquia:** procedências da sociedade de controle no Brasil. São Paulo: Cortez, 2006.

EDIÇÃO especial do “Germinal!” e da “Barricata”. São Paulo – SP. (01.05.1913).

GERMINAL!. São Paulo – SP. (1913).

GUERRA Sociale. São Paulo – SP. (1916).

KULTUR. Rio de Janeiro – RJ. (1904).

MOURA, Maria Lacerda de. **Lições de Pedagogia.** São Paulo: Paulista, 1925.

NASCIMENTO, Rogério H. Z. **Indisciplina:** experimentos libertários e emergência de saberes anarquistas no Brasil. 2006. Tese de doutoramento. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. PUC-SP. Disponível em <[www.sapientia.puc.br](http://www.sapientia.puc.br)>

\_\_\_\_\_. Escolas de indisciplina: notas sobre sociabilidades anarquistas no Brasil em inícios do século XX. **Verve** – Revista semestral do Nu-Sol. PEPGCS PUC – SP. Nº 14 (out 2008) – São Paulo: o Programa, 2008. p. 106-121.  
Disponível:<<http://www.espacoacademico.com.br/092/92nascimento.htm>>

O CONFESSADO. Bagé – RGS. (1926).

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola.** Trad. Silvia Beatriz Adoue; Augusto Juncal. São Paulo: Contexto, 2008.

PINHO, Adelino Tavares de. **Pela educação, pelo trabalho.** Conferência na Liga Operária de Campinas. 13.12.1908. Porto; Pt: Tipog. Peninsular, 1908.

SILVA, Nelson Pedro. **Ética, indisciplina e violência nas escolas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

STIRNER, Max. **O Único e a sua Propriedade.** Tradução de João Barrento. Lisboa, Portugal: Antígona, 2004.